

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS – CAMPUS
MUZAMBINHO

Curso Superior de Tecnologia em Cafeicultura

JEAN STEPHANO GOULART

PREÇOS DO CAFÉ

Muzambinho
2009

JEAN STEPHANO GOULART

PREÇOS DE CAFÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação, em Cafeicultura, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho, como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Cafeicultura.

Orientador: Profº. Celso Antônio Spaggiari Souza.

Muzambinho
2009

COMISSÃO EXAMINADORA
Celso Antônio Spaggiari Souza
José Mauro Costa Monteiro
Francisco Vitor de Paula

Muzambinho 2 de dezembro de 2009.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, minha esposa
Roberta Aparecida Nascimento Goulart, e todos os meus
familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ele ter me dado a vida, a minha esposa pela paciência comigo nos momentos de dificuldades, ao professor José Mauro Costa Monteiro por auxiliar nas análises estatísticas, e ao meu orientador Celso A. S. Souza pelo conhecimento e esforço a mim cedido.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
2. JUSTIFICATIVA	9
3. OBJETIVO	10
4. MATERIAL E MÉTODOS	11
5. ANÁLISE HISTÓRICA DE PREÇOS DEFLACIONADOS DE CAFÉ.....	11
6. PREÇOS DO CAFÉ	13
7. DESCAPITALIZAÇÃO DOS PRODUTORES	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERENCIAS	21

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 – Preços deflacionados do café	10
FIGURA 2 – Produção x Preço	11
FIGURA 3 – Balanço Mundial do café.....	13
FIGURA 4 – Participação percentual no COT	15
FIGURA 5 – Eficiência dos produtores	17
FIGURA 6 – Custo operacional x receita	17
FIGURA 7 – Endividamento anual e acumulado.....	18

GOULART, Jean. **Preços do Café**, 22 pg., 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação do Curso Superior de Tecnologia em Cafeicultura) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho 2009.

RESUMO

O presente trabalho objetivou analisar com dados históricos a diminuição do valor relativo da saca de café nos últimos anos, utilizando-se de preços deflacionados até setembro de 2009. A constante alta com insumos, mão-de-obra e equipamentos, combinada ao longo período de preços baixos do café estão levando os produtores ao endividamento. Os valores da saca foram obtidos no banco de dados da Cooperativa dos Cafeicultores em Guaxupé (MG), e submetidos à correção monetária de acordo com o Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Verifica-se com isso que o endividamento da cafeicultura não é um problema de gestão do produtor, mas sim um problema de mercado.

Palavras - chave: valor relativo; saca de café; endividamento.

INTRODUÇÃO

A cafeicultura sempre ocupou um papel importante na economia brasileira. Conforme Bartolozzi (2001) atualmente o café corresponde a 70% da renda das propriedades rurais no sul de Minas Gerais. Com a constante queda dos preços da saca, os produtores vem endividando-se ano a ano. O constante aumento da mão-de-obra, insumos e equipamentos são os fatores que mais pesam no custo de uma saca de café.

De acordo com Christófoli (2008) o custo Operacional Total (COT) de produção do café acumula alta de 51% na comparação entre novembro de 2007, quando começou a pesquisa, e julho de 2008. Apenas com fertilizantes, o impacto isolado no COT é de 17,18% neste segmento no período. Como nas outras commodities, os insumos são os agentes de maior impacto nas atividades agrícolas do país. Outra fonte de impacto nos custos é a mão-de-obra, que afeta ainda mais as regiões montanhosas na qual não é possível realizar a colheita mecanizada. Com a utilização de máquinas na colheita os custos podem ser menores, mas, ainda assim, oneram muito a renda dos produtores.

A cafeicultura é uma atividade intensiva em mão-de-obra e altamente distribuidora de renda, tanto que os gastos com pessoal são o segundo item mais importante na participação do custo operacional total, representando 17,1%. A escassez de mão-de-obra e a elevação do salário mínimo em 9,21% têm pressionado o custo de produção de café (PULITI, 2008).

O endividamento total da cafeicultura em Minas Gerais é de R\$ 2,2 bilhões, deste total, R\$ 1,3 bilhão está concentrado nos cafeicultores e R\$ 0,9 bilhão passa pelas cooperativas de produtores (PESSÔA, 2007).

2. JUSTIFICATIVA

Ao longo dos últimos anos o preço da saca de café vem caindo significativamente, enquanto os preços com mão-de-obra, insumos e equipamentos estão aumentando. Os cafeicultores estão fazendo empréstimos para fazer a colheita e os tratos culturais, mas com a queda dos preços não conseguem quitar suas dívidas, isto ano a ano, tornando-os “dependentes” de bancos. Os produtores estão mais eficientes, ganhando em produtividade, melhorando bebida, diminuindo custos, mas isto não tem compensado a queda dos preços relativos. Num cenário de aumento de consumo de café, aumento das exportações não tem traduzido em preços melhores para os cafeicultores. Por estes motivos queremos analisar com dados históricos esta realidade.

3 OBJETIVO

3.1 GERAL

Estudar os preços históricos deflacionados de café, insumos e mão-de-obra.

3.2 ESPECÍFICOS

Comprovar com dados históricos de preços de café a diminuição relativa de seu valor em relação a outros insumos, e que os ganhos de produtividade da cafeicultura não têm sido apropriados para o cafeicultor.

4. METODOLOGIA

Os dados de preços de café (COOXUPÉ, 2009) foram deflacionados através da tabela de análises de valores do tribunal de justiça de Minas Gerais (TJMG, 2009) atualizados até setembro de 2009.

Preços de café em reais (atualizado até set 2009)

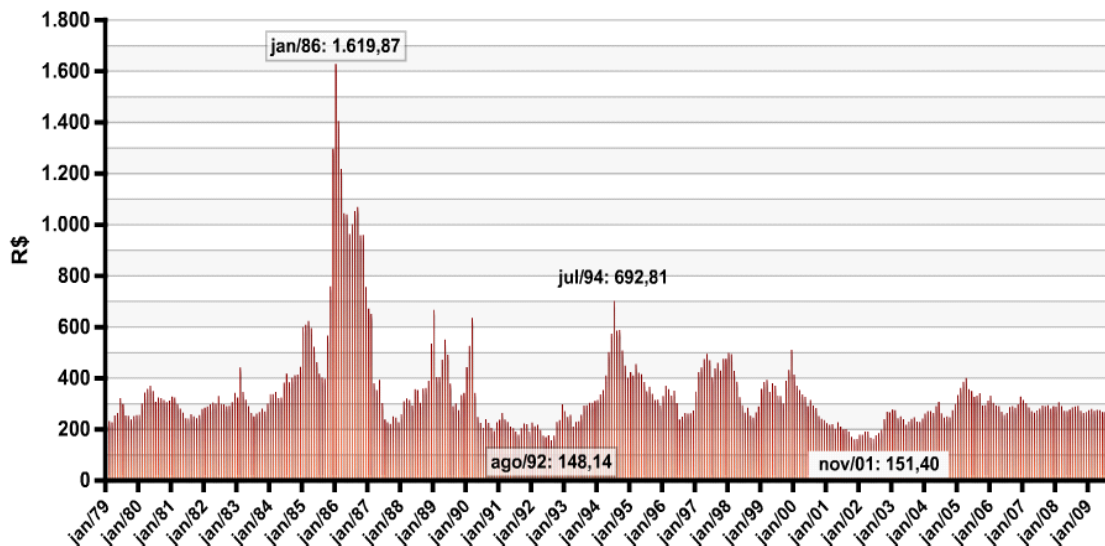


FIGURA 1. Preços deflacionados do café

Fonte: GOULART, 2009

5. ANÁLISE HISTÓRICA DE PREÇOS DEFLACIONADOS DE CAFÉ

A figura acima mostra grandes oscilações no preço da saca de café no período de janeiro de 1979 a julho de 2009. Esses dados concordam com Souza (2009), que afirma que o café é uma das commodities mais negociadas do mercado, e é a que apresenta a maior volatilidade.

O café teve seu pico máximo, no período estudado, em janeiro de 1986 atingindo o preço de R\$1.619,87 por saca. Na safra 1986/87 a produção brasileira foi de 13,5 milhões de sacas e em 1987/88 de 42,9 milhões de sacas conforme a Conab (2008).

Após cinco anos, em 1992, com mais uma produção elevada (24 milhões de sacas) o café atinge seu menor valor em agosto do mesmo ano (R\$148,14).

Em 1994 o café alcança o valor de R\$692,81 a saca devido à forte geada em Minas Gerais que contribuiu para a queda da produção brasileira. Neste período, houve uma corrida para o plantio de café arábica e robusta no Brasil, México, Vietnã,

Indonésia e outros países. Como o pico da produção é atingido com cerca de cinco a seis anos do plantio, o excesso na produção ocorreu em 1999. Isso elevou a produção brasileira para cerca de 37% da produção mundial de café arábica, com a expansão da monocultura cafeeira, em detrimento de outras culturas agrícolas exploradas (MELO, 1999).

Segundo a OIC, a seca severa de 1999 causando uma perda de 40% da safra elevando os preços mais uma vez entre 1999 e 2000 com um pico em R\$501,42 em dezembro de 1999, mas com uma produção elevada e a desvalorização do real frente ao dólar nos anos seguintes o café teve uma média de R\$220,00 a saca.

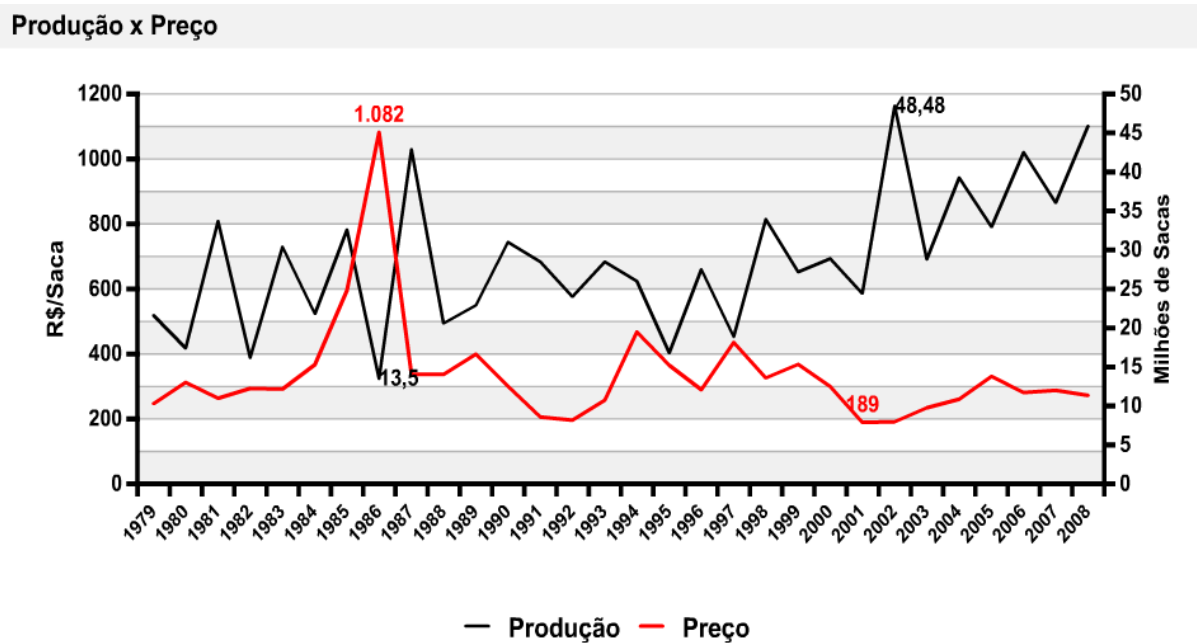


FIGURA 2 – Produção x Preço

Fonte: GOULART, 2009

Pode-se observar na Figura 2 que o preço da saca de café está inversamente relacionado com a produção, ou seja, quando a produção brasileira é alta o preço possivelmente é baixo.

Balanço mundial do café										
Fonte: USDA										
Unidade: 1000 sacas de 60kg										
Periodicidade: ano-safra										
Notas: Uma saca = 132.276 libras; dados de café torrado & moído e solúvel dado em sacas de verde equivalente; F = previsão.										
	Estoques iniciais	Produção total	Total de importações	Oferta total	Total de exportações	Exportação de grãos	Exportações de torrado e moído	Exportações de solúvel	Uso doméstico	Estoques finais
1981/82	30979	98023	755	129757	65359	61056	235	4068	20556	43842
1982/83	43842	81904	733	126479	66059	63344	220	2495	20221	40199
1983/84	40199	88801	606	129606	68191	65069	351	2771	20577	40838
1984/85	40838	90362	456	131656	72322	68675	306	3341	21968	37366
1985/86	37366	95750	397	133513	70478	67724	248	2506	21220	41815
1986/87	41815	79394	262	121471	66982	64351	298	2333	21202	33287
1987/88	33287	103170	296	136753	67504	64838	337	2329	21075	48174
1988/89	48174	94165	415	142754	71371	68108	162	3101	21190	50193
1989/90	50193	96958	258	147409	83402	80034	129	3239	20995	43012
1990/91	43012	100181	331	143524	76163	73278	83	2802	22265	45096
1991/92	45096	104064	291	149451	80887	77844	53	2990	22266	46298
1992/93	46298	92959	713	139970	77869	73881	117	3871	21579	40522
1993/94	40522	92406	585	133513	76284	71779	108	4397	22928	34301
1994/95	34301	97042	1070	132413	68672	64432	230	4010	22526	41215
1995/96	41215	88946	1079	131240	74103	69021	231	4851	24049	33088
1996/97	33088	103786	1091	137965	84509	79918	196	4395	24361	29095
1997/98	29095	97687	1220	128002	77939	73249	193	4497	25180	24883
1998/99	24883	108953	1435	135271	85133	80855	269	4009	25738	24400
1999/00	24400	113819	1274	139493	92660	87499	288	4873	25608	21225
2000/01	21225	118170	1484	140879	90966	84882	289	5795	26315	23598
2001/02	23598	111351	1617	136566	87662	81108	338	6216	27746	21158
2002/03	21158	126648	1494	149300	91747	85065	281	6401	27346	30207
2003/04	30207	107634	1795	139636	90899	83836	323	6740	28471	20266
2004/05	20266	119794	1868	141928	90759	83456	316	6987	29879	21290
2005/06 F	21290	113091	1942	136323	90408	83070	328	7010	30967	14948

FIGURA 3 – Balanço Mundial do café

Fonte: USDA (2005)

6. PREÇOS DO CAFÉ

Os menores valores foram atingidos em 1992 e parte de 1993. Uma série de fatores contribuiu para a queda de preços naquele período. O principal deles, obviamente, foi o excesso de produção desde 1987, com o Brasil produzindo mais de 40 milhões de sacas como resultado dos elevados preços alcançados no final de 85 e começo de 86, quando alguns produtores chegaram a vender café acima de U\$400/saca. Esse excesso de produção teve papel decisivo na suspensão das Cláusulas Econômicas do Acordo Internacional do Café, em julho de 1989. Com a suspensão do Acordo, houve transferência maciça de estoques de café para os

países consumidores: primeiro porque os principais países concorrentes do Brasil pensavam que as cláusulas econômicas seriam logo restabelecidas e, portanto, levariam vantagens quem tivesse melhor desempenho recente nas exportações, na expectativa de que fossem aquinhoados com uma cota maior de mercado; segundo, devido à própria queda de preços, houve necessidade de exportar mais café ainda, pois, para a maioria dos países exportadores, esse produto representava a principal fonte de recursos de que dispunha para honrar compromissos externos (MORICCHI, 2001).

Em concordância com Pires, 2001, em 1994, tem-se início uma nova fase na cafeicultura brasileira, onde os preços começaram a apresentar tendência ascendente, atingindo seu pico em maio de 1997. Com isso tem-se um novo padrão de comércio internacional mais atrelado aos mecanismos de mercado da Organização Internacional do Café (OIC), órgão que desempenha o papel de centro de coleta e disseminação de informações sobre a economia cafeeira, além da negociação e do acompanhamento de projetos de interesses dos países membros da Organização.

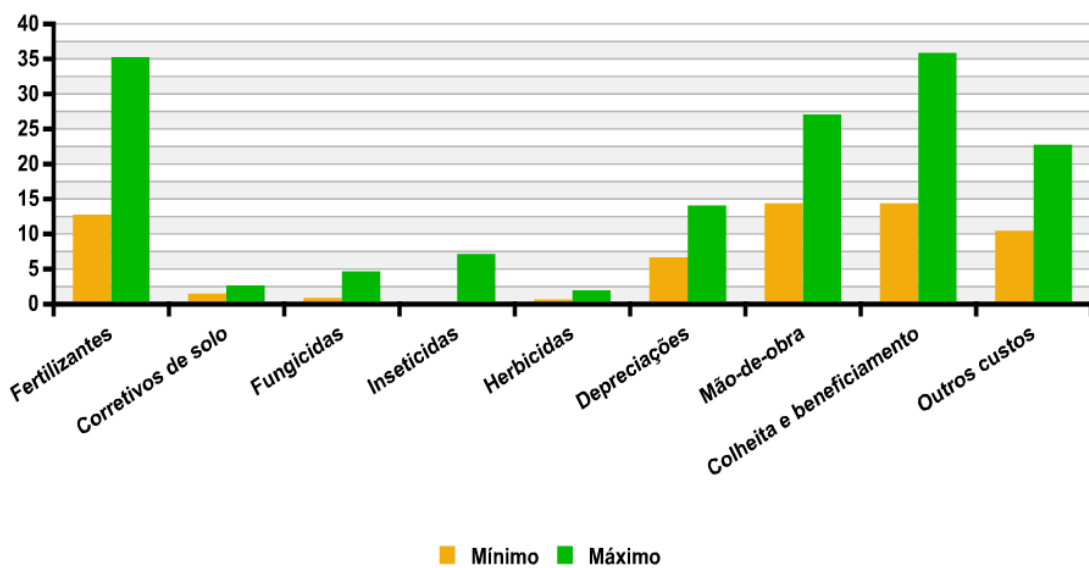
7. DESCAPITALIZAÇÃO DOS PRODUTORES

Segundo Baggio (2006) a grave crise de preço e renda que marcou o período 2001/2004, provocou descapitalização do setor. O câmbio, problema comum a todas as commodities, colocou o custo de produção e o preço de venda praticamente idêntico, deixando o produtor sem margem de ganho. E por fim, as especulações nas bolsas, provocando grande volatilidade nos preços.

Segundo Melo (2007) as propriedades rurais de Minas Gerais, São Paulo e Paraná que se dedicam à lavoura de café, utilizadas como referência nos painéis dos Ativos do Campo, se mostraram heterogêneas quanto à tecnologia utilizada, tipo de colheita, tamanho, produtividade, tipo de tratamento da lavoura, dentre outros. Devido a essa diversidade de processos produtivos, os percentuais de custos estimados oscilam conforme pode ser observado no gráfico. Este trabalho teve início em Três Pontas e Santa Rita do Sapucaí, situadas no sul de Minas, maior região produtora de café do Estado. Em Três Pontas, a propriedade caracterizada no painel possui 30 hectares de área plantada, com características de colheita mecânica e manual. Santa Rita do Sapucaí apresentou área cafeeira também de 30 hectares e colheita 100% manual. O painel realizado na cidade de Patrocínio, conhecida pela

produção de café do cerrado mineiro, apresentou uma propriedade típica de 70 hectares de lavoura de café, colhido mecanicamente. Em Manhumirim, localizada na região de matas de Minas, a propriedade característica apresentou 25 hectares de área de lavoura e colheita estritamente manual. A cidade de Altinópolis, que representa o Estado de São Paulo no projeto, apresentou uma propriedade com 70 hectares de área de lavoura, com colheita mecânica em 30% da área cafeeira. Na cidade paranaense de Ribeirão do Pinhal, o painel indicou uma propriedade com área de lavoura de 51 hectares, com colheita manual.

Participação Percentual no COT



FI

GURA 4 – Participação Percentual no COT

Fonte: CNA/CIM

Observa-se na FIGURA 3 grandes diferenças entre os valores máximos e mínimos de cada item. Isto ocorre devido às diferenças das propriedades em que foi realizado este experimento. Nas propriedades em que havia uso intensivo de mão-de-obra os custos foram maiores, em contrapartida, nas propriedades em que as atividades eram realizadas mecanicamente teve um custo de produção menor.

A FIGURA 3 ainda nos mostra que os maiores custos são com fertilizantes, colheita e beneficiamento (este inclui mão-de-obra da colheita, aluguel de máquinas, utensílios e sacarias), mão-de-obra, depreciações e outros custos (que incorpora gastos com assistência técnica, manutenções de máquinas, equipamentos e benfeitorias, combustíveis e energia elétrica). O que está de acordo com Puliti (2008) que afirma que o aumento do custo de produção – resultado da alta dos insumos, da

mão-de-obra, dos combustíveis e da energia e da valorização do real frente ao dólar – tem retirado do cafeicultor a possibilidade de auferir renda na sua atividade.

Segundo Pontes (2008) a valorização expressiva de outros gastos impactou a atividade entre os anos de 2001 e 2007. Entre estes estão o salário mínimo (111%), o óleo diesel (117%), energia (97%). Neste mesmo período, os preços do café subiram 57%. De acordo com ele, para reduzir os gastos, os produtores teriam que ganhar em escala.

Conforme Puliti (2008) em apenas quatro meses, de novembro de 2007 a fevereiro de 2008, os itens gerais do custo operacional total do café aumentaram 15,1%. Já os preços dos fertilizantes mais que dobraram no último ano. O aumento acumulado do COT (Custo Operacional Total), de novembro de 2007 a julho de 2008, confirma a tendência de alta, registrando taxa de 21,55%, quando no mês de julho foi de 20,15%. Os itens de custo que mais contribuíram com o aumento acumulado do COT, em oito meses, foram: fertilizantes, que acumulam alta de 51,10% desde o começo do estudo e, isoladamente, implicaram aumento de 17,18%; e custos de colheita e beneficiamento, com alta acumulada de 10,34%, causada principalmente pelo aumento nos custos com mão-de-obra, impactando positivamente em 2,39% o COT (MELO, 2008).

A consequência direta, conforme Pessoa (2007) foi o aumento do endividamento do setor, que em Minas Gerais chega a R\$ 2,2 bilhões. Deste total, R\$ 1,3 bilhão está concentrado nos cafeicultores e R\$ 900 milhões das cooperativas.

Eficiência dos Produtores

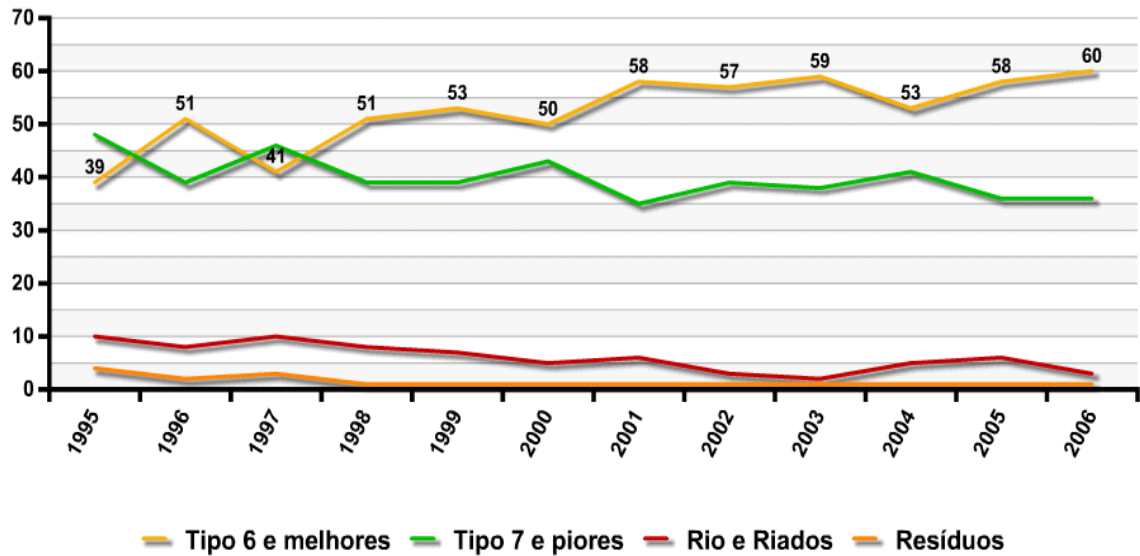


FIGURA 5 – Eficiência dos produtores

Fonte: PESSÔA, 2007

Nota-se na FIGURA 4 que os produtores estão produzindo cafés melhores, e mesmo assim não conseguem sair de suas dívidas.

Custo x Receita

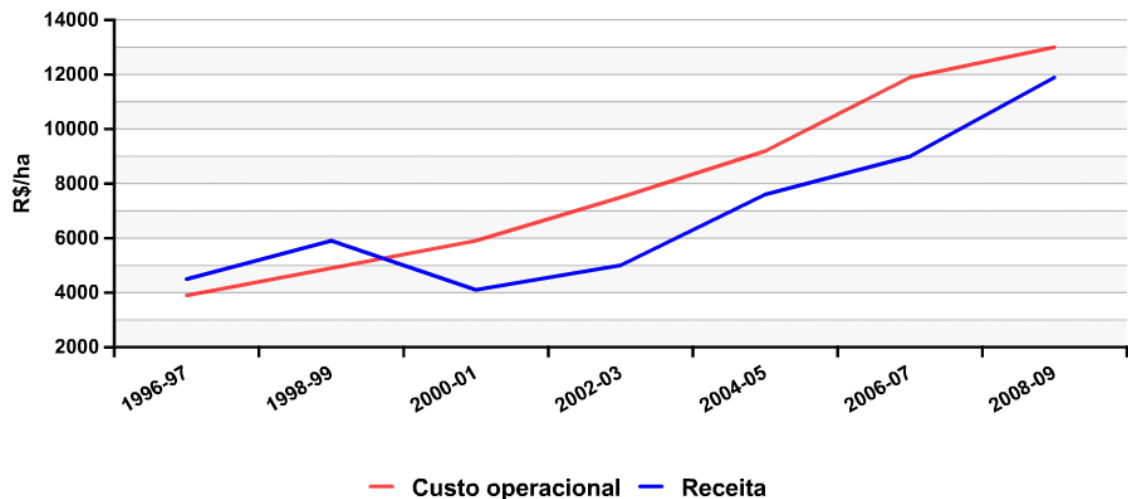


FIGURA 6 – Custo operacional x Receita

Fonte: PESSÔA, 2007

A FIGURA 5 nos mostra que desde 2000/01 os produtores não estão conseguindo cobrir o custo operacional de suas propriedades e como consequência o endividamento do setor.

A Conab estima o custo do café fino em R\$ 229,49 para uma produtividade de 25 sacas por hectare, mas no ano de 2005 que foi de baixa produtividade, a média foi de 13 sacos por hectare. Nessas condições, um produtor médio, com uma colheita anual de 500 sacas de café teria uma renda líquida de R\$ 5 mil por ano, ou seja, 1,2 salários mínimos por mês, porém 90% dos cafeicultores produzem menos de 300 sacos por ano, ou seja, 200 mil produtores e suas famílias vivem com menos de um salário mínimo por mês (BAGGIO, 2006).

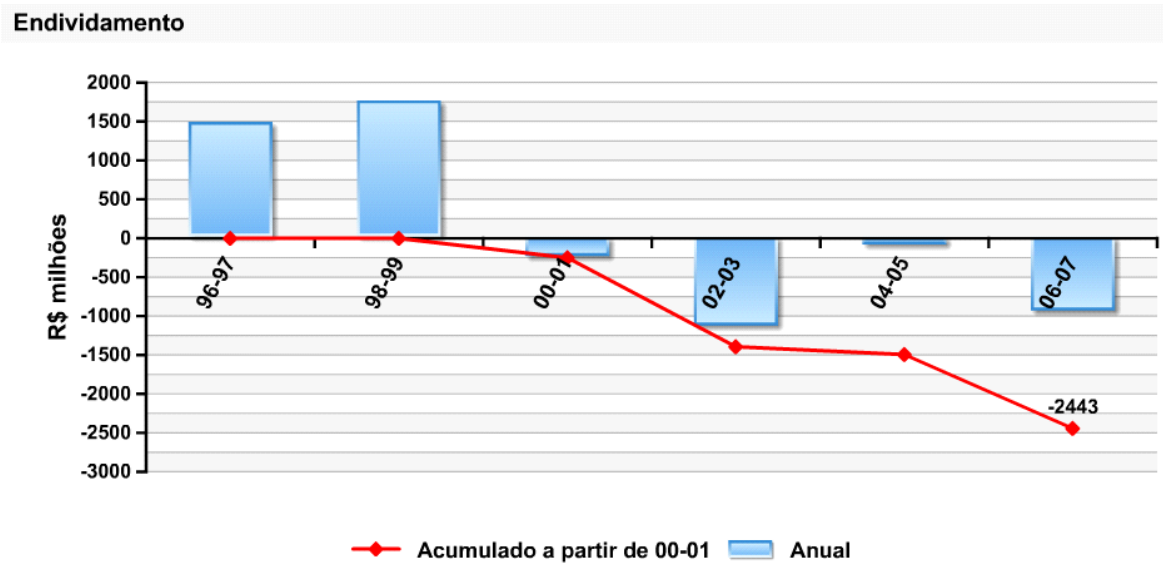


Figura 7 – Endividamento anual e acumulado

Fonte: PESSÔA, 2007

A FIGURA 6 mostra que a partir de 2000-2001, período de valorização do real frente ao dólar, a cafeicultora acumulou dívidas superiores a R\$2,2 bilhões, resultados que poderiam mostrar ineficiência e má gestão da cafeicultura, caso o endividamento fosse muito superior ao lucro/prejuízo acumulado. O total do endividamento acumulado, entretanto, é compatível com a análise de rentabilidade da atividade, que gerou resultados negativos nos mesmos patamares. Isso indica que pelo menos grande parte da dívida acumulada decorre diretamente do déficit de renda que a atividade vem apresentando para a maioria dos produtores mineiros. Neste período não houve geração de caixa suficiente para novos investimentos, levando a deterioração do parque cafeeiro (PESSÔA, 2007).

Entre as diversas razões que explicam o empobrecimento dos cafeicultores, está a falta de capital necessário para a manutenção da propriedade no período em

que os preços do café apresentam as menores cotações, logo após a colheita. Assim, nos últimos anos, a venda da saca se dá a preços próximos ou até abaixo do custo de produção. Embora este cenário não seja novidade para os cafeicultores, serve como exemplo da relação entre oferta e demanda para explicação das oscilações de preço. Se a maior parte da produção é vendida no mesmo período, os preços são pressionados para baixo, fazendo com que mais produtores recebam preços menores, favorecendo a descapitalização, enquanto um grupo menor de produtores, com alguma reserva ou aporte de capital, consegue realizar as vendas em épocas mais favoráveis, o que favorece a capitalização. (MELO, 2008)

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o trabalho apresentado pode-se concluir que: o endividamento da cafeicultura não é um problema de gestão ou má eficiência do produtor, pois há um aumento de cafés de melhor qualidade, mas sim uma consequência do baixo preço da saca de café nos últimos anos; o aumento do preço dos insumos, mão-de-obra e equipamentos estão colocando o custo de produção igual ou até mesmo maior que o preço da saca, tirando assim a possibilidade do produtor de obter lucro; propriedades onde há uma menor tecnificação, uso intensivo de mão-de-obra, o custo de produção possivelmente será bem maior que uma propriedade onde as atividades na lavoura são realizadas mecanicamente; os produtores, em sua grande maioria, comercializam o café na época do ano em que os preços são mais baixos, uma venda escalonada durante o ano, na modalidade de mercado futuro ou de opções, poderá diminuir os riscos de prejuízo.

REFERÊNCIAS

- BAGGIO, W. **A difícil situação da cafeicultura nacional**. 2006. Disponível em: <<http://www.revistacafeicultura.com.br>>
Acesso em: 29/09/2009.
- BARBOZA, Alaor (Ed.). **Anuário Estatístico do café**. 6 ed. Rio de Janeiro: Coffee Business, 2001. 161 p.
- BARTOLOZI, L. **Sul de Minas: café representa 70% da renda agrícola**. 2001. Disponível em: <<http://www.coffeebreck.com.br>>
Acesso em: 29/09/2009.
- CHRISTÓFFOLI, A. **Alta dos insumos eleva o custo de produção do café**. Diário do comércio. 2008. Disponível em: <<http://www.cicbr.org.br>>
Acesso em: 15/09/2009.
- COOXUPÉ. **Preço histórico do café**. 2009. Disponível em: <<http://www.cooxupe.com.br>>
Acesso em: 07/09/2009.
- INTERNATIONAL COFFEE ORGANIZATION. **Geadas e secas em áreas de cafeicultura no Brasil**. 2009. Disponível em: <<http://www.ico.org>>
Acesso em: 20/09/2009.
- MELO, Evair Vieira de. **Instituto capixaba de pesquisa, assistência técnica e extensão rural**. 1999. Disponível em: <<http://www.incaper.es.gov.br>>
Acesso em: 20/09/2009.
- MELO, Luciana. **Boletim: Ativos do café**. 2007. Disponível em: <<http://www.cna.com.br>>
Acesso em: 16/10/2009.
- MELO, Luciana. **Boletim: Ativos do café**. 2008. Disponível em: <<http://www.cna.com.br>>
Acesso em: 16/10/2009.
- MORICOCCHI, L., MARTIN, N. B.; VEGRO, C. L. R. **Mudança na Retenção e Expectativas Promissoras para o Mercado**. Preços Agrícolas, 2001. Disponível em: <<http://www.revistaprecoagricolas.com.br>>
Acesso em: 20/09/2009.
- PESSÔA, André. **Avaliação das condições de rentabilidade, do perfil do endividamento e capacidade de pagamento da cafeicultura em Minas Gerais**. 2007. Disponível em: <<http://www.agroconsult.com.br>>
Acesso em: 15/09/2009.

PIRES, M. de M; et al. **Fatores de crescimento das receitas das exportações brasileiras de café.** 2001. Disponível em: <<http://www.sober.org.br>>
Acesso em: 29/09/2009.

PONTES, R. **Custo com mão-de-obra preocupa cafeicultor.** 2008. Disponível em:
<<http://www.peabirus.com.br>>
Acesso em: 16/10/2009.

PULITI, J. R. **Alta dos insumos deve comprometer renda do produtor.** 2008.
Disponível em: <<http://www.faemg.org.br>>
Acesso em: 15/09/2009.

SOUZA, V. C. O. et al. **Análise espaço-temporal da cafeicultura mineira.** 2009.
Disponível em: <<http://www.epamig.br/geosolos>>
Acesso em: 20/10/2009.

TRIBUNAL JUSTIÇA DE MINAS GERAIS. **Fatores de atualização monetária baseados na variação de: ORTN, OTN, BTN, TR, IPC-r, INPC.** 2009. Disponível em: <http://www.tjmg.jus.br/corregedoria/atualizacao_monetaria>
Acesso em: 08/09/2009.